



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 18 - julho de 2017

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i18p228-248>

Gênero e alteridade no nacionalismo irlandês

Gender and alterity in Irish nationalism

*Raimundo Expedito dos Santos Sousa**

RESUMO

O anticolonialismo irlandês pautou-se pela maximização de fronteiras de gênero com vistas a acentuar a hombridade dos homens gaélicos em face de sua feminização por um colonialismo que se legitimava ao generizar o liame entre Inglaterra e Irlanda, inscrevendo o império no registro masculino e a colônia no feminino. Mediante pesquisa em fontes primárias, investigo as implicações dessa contraposição na representação de mulheres subversivas que desafiavam uma matriz de gênero dual, em que a masculinidade se definia em relação oposicional e complementar com a feminilidade. Tanto as feministas, que antepunham sua agenda à do nacionalismo, quanto as republicanas, que defendiam a nação antes com o rifle do que com o rosário, eram alterizadas pela *intelligentsia* nacionalista como aberrações de gênero em descrições caricaturais cujo escárnio mal escamoteava o temor de que sua capacidade disruptiva desestabilizasse as balizas de gênero que sustentavam o projeto de remasculinização nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Nacionalismo irlandês; Gênero; Mulheres

ABSTRACT

Irish anticolonialism was based on the maximization of gender boundaries in order to accentuate the manliness of Gaelic men against their feminization by a colonialism that legitimated itself gendering the link between England and Ireland inscribing the empire in male register, and the colony in the female one. Through research in primary sources, I investigate the implications of this contraposition in the representation of subversive women who challenged a dual gender matrix in which masculinity was defined in oppositional and complementary relation with femininity. Both the feminists, who privileged agenda to the detriment of nationalism, and Republicans, who defended the nation with the rifle rather than with the rosary, were othered by the nationalist *intelligentsia* as gender aberrations in sardonic descriptions whose scorn hardly hide the

* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte – MG – Brasil. raimundo_sousa@terra.com.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 18 - julho de 2017

fear their disruptive potential could destabilize gender boundaries that supported the project of national remasculinization.

KEYWORDS: Irish nationalism; Gender; Women

Introdução

Na colonização da Irlanda, o imperialismo inglês adotou uma economia geopolítica bidimensional de racialização do gênero e generização da raça ao instaurar um regime de representação bipolar que masculinizava o império e feminizava a colônia, a fim de naturalizar o vínculo colonial e cancelar sua configuração assimétrica sob os álibis da complementaridade e hierarquia “naturais” entre os sexos, além de convencer os irlandeses de sua efeminação e, assim, mutilar seu potencial insurrecionário. Como a resistência é a contraface do poder, estes reagiram ao travar, de um lado, batalhas literais pela autonomização política e, de outro, batalhas simbólicas pela sua autorrepresentação. Todavia, por não ocuparem na dialética colonial as mesmas posições estatutárias que os colonizadores, precisaram fazê-lo sob limites discursivos circunscritos pelos últimos, de modo que a consubstanciação de uma identidade nacional pretensamente genuína dependeria, a rigor, da ambivalente dinâmica de contrassignificação na qual os estereótipos auferidos pelo discurso colonial seriam antes contrafeitos (via ressignificação) do que desfeitos (via desconstrução). Noutros termos, o anticolonialismo constituiu, no limite, um corolário ideológico do próprio colonialismo a que se contrapunha por reagir à economia maniqueísta que distinguia a virilidade imperial e a feminilidade colonial em semelhante maniqueísmo, instaurando rígidos códigos de gênero em um nacionalismo anticolonial fincado na radicalização de assimetrias entre homens e mulheres (SOUSA, 2013).

Assim, o projeto nacional irlandês foi auspiciado por uma militarização da cultura na qual o rifle (dispositivo masculinizado, alusivo a valentia, sangue e protagonismo) e o rosário (dispositivo feminizado, alusivo a candura, lágrima e coadjuvação) balizaram seus respectivos paradigmas de hombridade e mulheridade. Para tal, apropriou-se de repertórios discursivos criados pelo catolicismo para a legitimação de uma economia sacrificial cujo ápice consistia, para os homens, na sua entrega pela causa nacional, e, para as mulheres, na entrega dos seus, sob garantia de que aqueles reaveriam sua hombridade ao se sacrificarem pela nação e estas ratificariam sua mulheridade ao incitá-los à autoimolação e rezar por seu êxito. Nesse sentido, a Igreja teve um contributo decisivo para o projeto de nação, pois, além de conferir sacralidade à ideologia sacrificial, também atuou como instância de criação e distribuição de códigos de gênero epitomizados nas figuras de Jesus e Maria, com vistas

à naturalização de uma economia de gênero pautada na concatenação entre o sacrifício másculo e o sofrimento feminino (SOUSA, 2013).

Considerando que o fenômeno Nova Mulher emergiu em concomitância com o apogeu do projeto nacional irlandês, este trabalho examina, mediante pesquisa em fontes primárias, como tal coincidência teve implicações na representação da Nova Mulher na Irlanda por parte de intelectuais nacionalistas, atentando para como o primado da remasculinização implicou restrições a mulheres que cobiçavam agência no espaço público, como as feministas, que antepunham sua agenda à do nacionalismo, e as republicanas, que ousavam defender a Irlanda antes com o rifle do que com o rosário.

Nacionalismo e ideologia de gênero

O argumento de que os sexos possuíam faculdades cognitivas e inclinações sociais assimétricas, porém complementares, emprestava ao androcentrismo do projeto nacional irlandês uma romantização insuspeitada, como explicitava um ideólogo ao afirmar que

[...] a feminilidade é [...] valiosa para a Irlanda como uma força antes indireta do que direta. Ela fornece uma luz de idealismo na qual a masculinidade da nação vê muitos incentivos para a manutenção de seus esforços patrióticos e as obras que ela inspira pela sua influência de espírito são muito mais importantes do que qualquer coisa que os resultados de sua própria participação direta em atos que são mais adequado para as mãos viris¹² (CASSIDY, 1922, p. 4-5).

Reduzidas à função inspiracional, as mulheres seriam valoradas conforme mobilizassem os homens, à sombra dos quais teriam supostamente mais a contribuir para o projeto nacional do que pela atuação na cena pública. Não bastava ao êxito do código sacrificial que os homens fossem persuadidos a almejar o sacrifício como valor supremo; era preciso também convencer as mulheres de que não deveriam cobiçá-lo por ser extrínseco a sua natureza e, mais ainda, de que eram indefesas e, portanto, dependentes daqueles, pois se as mulheres se defendessem sozinhas, quem precisaria se sacrificar por elas? Noutros termos, como os homens exibiriam o heroísmo necessário à

¹ Minha tradução. Todas as traduções de citações em língua estrangeira são de minha autoria.

² Original: “[...] womanhood is [...] valuable to Ireland as an indirect rather than a direct force. It furnishes a light of idealism in which the manhood of the nation sees many incentives for the maintenance of its patriotic endeavours and the deeds it inspires by its spirit-influence are far more important than anything that results from its own direct participation in acts that are more suited for manly hands to do”.

ratificação de sua hombridade se não houvesse vítimas dependentes de sua defesa? Por isso, se o horizonte ideológico do nacionalismo pode ser sintetizado pela metáfora da dupla face de Jano, na qual um rosto se volta para o passado (tradição) e outro para o porvir (progresso), as mulheres e os homens deveriam ser, respectivamente, conservadoras enquanto guardiãs de princípios que se queriam imutáveis e inovadores enquanto agentes do progresso imprescindível ao desenvolvimento da nação.

Dada a necessidade de convencer as mulheres de sua coadjuvação no *ethos* sacrificial, novamente a inflexão católica se mostraria recursiva ao instituir a Virgem Maria como um paradigma de feminilidade que a protestante, hostil à mariolatria, deveria buscar em outras figuras. O culto à Virgem, desenvolvido tardiamente no catolicismo e tratado com reservas pelo magistério de uma Igreja androcêntrica para não eclipsar a trindade masculinizada nem reavivar o culto pagão às deusas da fertilidade, foi revigorado no século XIX com o recrudescimento do marianismo nos países católicos, haja vista que apenas em 1854 foi instituído o Dogma da Imaculada Conceição, por Pio IX, que culminaria, em 1950, no Dogma da Assunção, por Pio XII. Na Irlanda, país que experienciou uma revolução devocional particular em meados do Oitocentos sob os auspícios do catolicismo ultramontano, a Igreja, em face da miséria instalada após a Grande Fome, ergueu a Virgem como alento espiritual para os sobreviventes, que a adotaram como uma Mãe que os guardaria sob seu manto protetor, e como exemplo de castidade para viúvas e solteironas.

Investida de um conjunto de atributos cristalizados no imaginário ocidental cristão, Maria fornecia um perfil identitário pronto, que bastaria ser associado às irlandesas como se lhes fosse peculiar. Assim, enquanto o discurso colonial metonimizava as nativas como dissolutas e metaforizava a ilha como amante do império, diversos ideólogos anticolonialistas retrucavam tais insultos pela celebração da suposta posição destas como as mulheres mais castas do mundo, quer por realmente crerem nessa marca distintiva, quer pelo fito de as pressionarem, pela lisonja, a corresponder a essa atribuição. Desse modo, vangloriavam-se superlativamente da mulher irlandesa como “[...] o tipo mais excelso do mundo em feminilidade e virgindade”³ (SPARLING, 1913, p. 45), que possivelmente ganharia “[...] o primeiro prêmio do mundo em modéstia e pureza virginal”⁴ (CASSIDY, 1922, p. 206). Atribuir o conservadorismo como valor inato à mulher irlandesa implicava condenar como

³ Original: “[...] the world’s highest type of femininity and virginity”.

⁴ Original: “[...] the premier prize of the world for maidenly modesty and purity”.

antifemininas aquelas que não o expressassem, assim como conceber a mulher “normal” como sexualmente anestesiada facilitava a ingerência sobre sua sexualidade e a patologização do seu avesso, a mulher pública, de forma que qualquer reivindicação política seria tomada como deslealdade à nação e qualquer manifestação erótica como negação da natureza. Da mesma forma, o elogio do espaço privado como moralmente superior ao público não era mais do que um engodo que tentava inverter hierarquias de poder ao tempo em que as acentuava.

Respaldo pelo alibi de que a avidez por emancipação política era estranha à natureza das hibernicas, conservadoras por excelência, um intelectual nacionalista celebrava, menos por certeza do que por retórica, que suas patrícias não eram “[...] politicamente inclinadas [...]”⁵ e, ao invés de cobijarem ocupações masculinas, desejavam “[...] uma vida mais feminina, não menos feminina”⁶ (RUSSEL, 1912, p. 67). Um segundo definia a mulher irlandesa como dotada de “[...] um conservadorismo instintivo que é uma forte barreira contra todas as tentações para abandonar o lar por atividades mais ‘atualizadas’ fora dele”⁷ (CASSIDY, 1922, p. 201). Comentários celebratórios como esses escamoteavam, na *descrição* de comportamentos supostamente característicos das gaélicas, a *prescrição* de como estas deveriam se portar, de forma que o elogio operava como um mecanismo de controle subliminar, pois partir do pressuposto de que as irlandesas já eram virtuosas as pressionava a responder às expectativas sociais em torno de sua conduta.

Se as descrições lisonjeiras não tivessem, subliminarmente, um caráter prescritivo, não se precisaria lançar mão de estratégias materiais para enquadrar as mulheres em um padrão comportamental supostamente intrínseco a elas. Uma das implicações da Revolução Industrial, a clivagem entre a casa e o local de trabalho e, por conseguinte, a exclusão da mulher da economia formal por não produzir mais-valia, repercutiu tardiamente na Irlanda, às voltas com uma economia agropastoril até meados do século XX. Contudo, a estratificação de gênero ocorreu mesmo nesse modo de produção em um duplo movimento calcado na implementação de medidas que aspiravam à masculinização do espaço público e feminização do doméstico mediante restrição da atuação das mulheres pela compressão (e regulação) do espaço doméstico e ampliação da atuação dos homens pela extensão (e regulação) do público. Se, em parte,

⁵ Original: “[...] politically minded [...]”.

⁶ Original: “[...] a more womanly and not a less womanly life”.

⁷ Original: “[...] an instinctive conservatism which is a strong barrier against all temptations to abandon the home for more 'up-to-date' activities outside it”.

a retirada maciça das mulheres do campo para o trabalho doméstico ao final do Oitocentos decorreu da rarefação do labor agrícola subsequentemente à Grande Fome, em parte se deveu ao empenho de reformistas rurais com vistas a consolidar um ideal de nação generizada binariamente, insuflando-as ao confinamento doméstico e à retomada e perpetuação de tradições pré-coloniais. Em conspiração pelo encapsulamento da mulher na célula familiar, reformistas sociais conferiam atratividade ao seio doméstico por força de iniciativas como, por exemplo, cruzadas contra casas malcuidadas, certames com premiação para a *cottage* mais impecável, concursos de gulodices, lições de economia doméstica e mesmo admoestações contundentes, como a do austero George Russell (1907, p. 428): “Estamos envergonhados das mulheres irlandesas porque elas não têm nenhum orgulho das artes femininas e não têm dado nenhuma contribuição à mesa de jantar do mundo senão o cozido irlandês”.⁸

Se a conjuntura militar de luta pela independência nacional as havia trazido à arena pública, sobretudo como mão de obra substitutiva para manutenção da engrenagem capitalista, uma vez restaurada a ordem civil eram reconduzidas aos antigos papéis, quer sob efeito de discursos ufanistas acerca da maternidade e da domesticidade, quer via medidas coercitivas como aquelas adotadas pelo governo, que oferecia, nos anos 1930, subsídios às indústrias que contratassem mais homens do que mulheres. Também com vistas a restringir sua agência, foram promulgados diversos Atos que, na contramão do liberalismo, acentuavam a intervenção estatal a fim de assegurar o monopólio masculino na esfera pública e a sujeição das mulheres às funções reprodutivas, deslocando-as do trabalho fabril para o trabalho de parto⁹. Essa miríade de estratégias que visavam formar um *cordon sanitaire* entre as esferas masculina e feminina culminaria, em 1937, com a *Bunreacht na hÉireann* (Legislação Fundacional da Irlanda), cujo controverso artigo 41, ao dispor sobre os planos estatais para a mulher na República, aproximava os substantivos “mulher” e “mãe” em relação sinonímica (IRELAND, 1937).

A feminista como alteridade

⁸ Original: “We are ashamed of Irish women that they have no pride in the feminine arts, and have made no contribution to the dinner table of the world except Irish stew”.

⁹ Destes, o *Civil Service Amendment Act* (1925) restringia seu acesso ao mercado de trabalho, o *Matrimonial Act* (1925) vetava o divórcio, o *Juries Act* (1927) as excluía do serviço jurídico e o *Censorship of Publications Act* (1929) lhes negava acesso a informações sobre controle da natalidade.

Não obstante seu nacionalismo pautado no insulamento cultural com vistas ao resgate de uma cultura pré-colonial, a Irlanda não estava imune ao sufrágio, concebido como empecilho ao projeto de remasculinização, já que, como os padrões de gênero se constituem disjuntivamente, se as mulheres deixassem de ser hiperfemininas, conseqüentemente os homens não seriam hipermasculinos. Assim, enquanto as *suffragettes* inglesas enfrentavam resistência da ordem instituída, as irlandesas encaravam obstáculos adicionais, pois, em um nacionalismo animado por teorias conspiratórias acerca de ameaças alienígenas à moralidade gaélica, o sufrágio era tomado como um anglicismo que, se não extirpado, arruinaria a cultura nativa. Haja vista a denúncia de um ideólogo quanto ao efeito danoso do influxo do sufrágio na Irlanda por distrair as mulheres de seu compromisso no projeto nacional:

Com a nossa língua morrendo, as nossas tradições desaparecendo, a nossa fé se empalidecendo, os marcos da nossa nacionalidade desaparecendo em torno de nós um por um, a mulher irlandesa tem dinheiro, tempo, energia e lugar em seu coração para lutar por uma classe. Os direitos de uma classe quando a questão da existência de uma nação está em jogo! [...] O movimento de sufrágio está anglicizando os pensamentos da mulher irlandesa média. Esse é o maior perigo no estado atual deste país¹⁰ (LAEGH, 1912, p. 791).

A identificação do sufrágio feminino como o maior desafio a ser enfrentado pelas lideranças nacionalistas reforça a incompatibilidade entre nacionalismo e feminismo em um horizonte ideológico no qual as sufragistas eram consideradas desleais à nação não apenas pelo suposto desdém frente à evanescência da cultura nativa como por sua filiação com os ideais das feministas metropolitanas quando deveriam se opor incondicionalmente a tudo quanto proviesse da Inglaterra.

Como os homens precisavam provar sua virilidade subestimada pelo império, o cumprimento dos quesitos para aquisição da hombridade se tornaria ainda menos exequível se a mulher se “masculinizasse”, embaralhando os papéis de gênero. Donde o repúdio a sua rendição ao fascínio de novos inventos da modernidade, tais como o triciclo e a bicicleta, meios de locomoção considerados impróprios para as mulheres, não apenas por serem incompatíveis com seu vestuário, mas, sobretudo, porque

¹⁰ Original: “With our language dying, our traditions fading, our faith paling, the landmarks of our nationality disappearing around us one by one, has the Irishwoman's money and time and energy and place in her heart for a fight for a class. The rights of a class when the issue of a nation's existence is at stake! [...] The suffrage movement is turning the thoughts of the average Irishwoman Englandwards. That is the greatest danger in the present state of this country”.

facilitavam seu trânsito pela arena pública. Por isso, a crescente voga desses veículos entre elas causava desconforto ao atenuar diferenças de gênero, como se vê na celeuma provocada pelas primeiras triciclistas na Irlanda, segundo relato de um jornal esportivo em 1889:

Por uma cidade distante no sudoeste da Irlanda passava uma integrante do Ladies' CC [Clube de Ciclismo], e as boas gentes, não acostumadas com tal vista, correram às suas portas e janelas e olharam com todo o olhar que podiam. Ocorre que, na mesma cidade, havia um circo, e o palhaço seguia pelas ruas [...] quando [...] a bela triciclista se meteu naquela multidão e rapidamente se tornou o censor de todos os olhos, e só depois de atingir alguma distância ela percebeu que tinha desapossado o palhaço, com o povo evidentemente acreditando que ela também pertencia ao circo e que era atração mais interessante para seguir¹¹ (IRISH CYCLIST AND ATHLETE, 1889, s.p).

O episódio em que uma mulher é confundida como atração circense e, sobretudo, como uma atração mais curiosa do que um palhaço, é sintomático de como a emancipação feminina era recebida como um contrassenso que, ao transgredir acepções de feminilidade convencionais, adquiria efeito cômico. O ultrapassamento de fronteiras espaciais pela Nova Mulher, capaz de percorrer longas distâncias, constituía uma medida de sua ruptura de fronteiras simbólicas entre os gêneros, atemorizando guardiões do falocracismo como um memorialista alarmado com sua “invasão” nas diferentes esferas sociais.

Entre os literatos, o escritor William Butler Yeats emblematicava a repulsa pela Nova Mulher, pois, à maneira dos românticos, idealizava a feminilidade passiva, mas se interessava por mulheres fálicas como Maud Gonne, uma típica Nova Mulher, motivado pelo desafio de adestrá-las conforme o paradigma de feminilidade vitoriano. Dentre suas diversas tentativas de dissuadi-la do ativismo político, o escritor se valia do desgastado argumento de que a mulher dedicada ao intelecto era subtraída de sua feminilidade ao compará-la à irmã, obediente aos padrões de gênero vitorianos: “Você não cuida de si como faz Kathleen, tanto que ela parece mais jovem do que você; seu rosto está cansado e magro [...]. Oh, Maude, por que não se casa comigo e desiste dessa faina trágica para

¹¹ Original: “Through a distant town in the South-west of Ireland there passed a member of the Ladies' CC [Cycling Club], and the good people, unaccustomed to such a sight, rushed to their doors and windows, and stared with all the stare in their power. Now, it so happened, that in the same town there was a circus, and the clown was proceeding through the streets [...] when [...] the fair tricyclist got into that crowd, and quickly became the cynosure of all eyes, and it was not until she had gone some distance that she perceived that she had ousted the clown, the people evidently believing that she belonged to the circus also, and that she was much the most interesting object to follow”.

levar uma vida pacífica?”¹² (GONNE, 1938, p. 330). Conforme explicaria em um de seus volumes autobiográficos, feminilidade e racionalidade eram incompatíveis:

As mulheres, porque o principal evento de sua vida tem sido dar-se e dar à luz, dão tudo de si a uma opinião [...]. Os homens tomam uma opinião ligeiramente [...] mas as opiniões das mulheres tornam-se como seus filhos ou seus namorados, e quanto maior a sua capacidade emocional, mais se esquecem de todas as outras coisas [...]. Por fim, a opinião é tão identificada com a sua natureza que parece que uma parte de sua carne torna-se pedra e perde a vida¹³ (YEATS, 1936, p. 341).

Sob a premissa de que as mulheres, porque condicionadas à doação, dão tudo de si a uma causa, incorrendo em exagerado investimento afetivo, o poeta compreendia que o intelectualismo lhes seria então prejudicial, pois a tomada de posições políticas categóricas as tornaria fanáticas e incapazes de manter um necessário distanciamento da causa que propugnavam, já que a internalizariam como parte do seu ser.

Yeats era secundado por seu pai, o pintor John Butler Yeats, que caracterizava a Nova Mulher como uma anomalia da modernidade. Em descrição que informava menos acerca da Nova Mulher do que dos preconceitos do imaginário social contemporâneo, o artista procurava despolitizá-la representando-a como uma narcisista que, motivada pelo desejo de visibilidade no lugar de uma agenda consistente, não sabia ao certo o que desejava e só mantinha sua ilusão de emancipação porque ignorava sua limitação intelectual e seu sexo, que de outro modo denunciariam sua predestinação ao subjugo:

Ela pode ser minoria, mas não é difícil descobri-la, pois ela é muito ativa, mostrando-se em toda parte. Também não é difícil descrevê-la, já que ela gasta muito de seu tempo descrevendo a si mesma. Em primeiro lugar, como o orador, ela é feita em vez de nascida; na verdade, ela própria é uma boa oradora, sempre pronta para arengar seus amigos, explicando e reforçando suas ideias. [...] Auto-aperfeiçoamento é a sua paixão; melhoria em que direção? Você vai perguntar. Ela mesma não sabe. Entretanto, ela insiste na liberdade pessoal absoluta [...]. Para ser livre, ela proíbe os sentidos e o sexo; qualquer um desses a colocaria de volta à subjugação. [...] Ao mesmo tempo, embora resolvida sobre a liberdade, ela não esquece que

¹² Original: “You don’t take care of yourself as Kathleen does, so she looks younger than you; your face is worn and thin [...]. Oh Maud, why don’t you marry me and give up this tragic struggle and live a peaceful life”.

¹³ Original: “Women, because the main event of their lives has been giving themselves and giving birth, give all to an opinion [...]. Men take up an opinion lightly [...] but to women opinions become as their children or their sweethearts, and the greater their emotional capacity the more do they forget all other things [...]. At last the opinion is so much identified with their nature that it seems a part of their flesh becomes stone and passes out of life”.

nasceu numa comunidade empresarial; portanto, ela adotou o credo do homem de negócios – eficiência: “Tudo o que fizeres, faze-o com todo o teu poder”¹⁴ (YEATS, 1918, p. 63-64).

Antipática à natureza, que em vão “grita dentro dela”, divorciada de seus atributos naturais, como a doçura e o altruísmo, e ávida por aquiescência social e êxito profissional, a mulher moderna, sob esse prisma, despojava-se de sua essência feminina, tanto que, outrora “o maior dos mistérios do mundo”, tornara-se tão cognoscível que perdera completamente seu encanto:

Agora ela é tão fácil de ler quanto um velho almanaque. Observe-a enquanto ela caminha pela Quinta Avenida, com seu ar de trabalho. Quão brilhantes os seus olhos, e ainda assim duros como joias! Seu sorriso como lábios finos! E sua figura a de um jovem atleta. Seu modo de vestir e seu traje pessoal, quão inteligente e eficiente e quase militar! Ela é a própria personificação da vivacidade e da decisão comandante. Mas todas as linhas de atração desapareceram, e ela não ondula mais com lenta graça. Ela não é felina, nem é como os cervos; e já não acaricia, pois sua voz é tão intransigente quanto seu estilo de se vestir. O homem comum [...] sempre desprezou as artes de agradar, até que uma mulher encantadora o tomou na mão; mas a mulher moderna deixou de instruí-lo, e tornou-se sua imitadora, de modo que suas maneiras são quase tão intimidadoras quanto as do homem de negócios bem-sucedido¹⁵ (YEATS, 1918, p. 67-68).

Numa atmosfera de insegurança quanto a um iminente colapso social fomentado pelas vicissitudes advindas com a modernidade, os comentários acerca das vestimentas da mulher moderna, caracterizadas sardonicamente como imitações grosseiras do vestuário masculino, procuravam inscrever sua luta política como mera ganância de mimetizar os homens e não como busca de expansão de seu campo de participação

¹⁴ Original: “She may be in a minority, yet she is not difficult to discover, for she is most active, showing herself everywhere. Nor is it difficult to describe her, since she spends much of her time in describing herself. In the first place, like the orator, she is made rather than born; indeed, she is herself a good deal of an orator, always being ready to harangue her friends, explaining and enforcing her ideas. [...] Self-improvement is her passion; improvement in what direction? You will ask. She herself does not know. Meantime she insists on absolute personal liberty [...]. That she may be free, she places a ban on the senses and upon sex; either of these would put her back under subjugation. [...] At the same time, while resolved on liberty she does not forget that she is born into a business community; therefore she has adopted the business man’s creed – efficiency: “Whatsoever thou doest, do it with all thy might”.

¹⁵ Original: “Now she is as easy to read as an old almanac. Watch her as she paces Fifth Avenue, with her businesslike air. How bright her eyes, and yet hard as jewels! Her smile how thin-lipped! and her figure that of a young athlete. Her mode of dress and of personal array, how smart and efficient and almost military! She is the very embodiment of briskness, and of commanding decision. But all the lines of allurements are vanished, and she no longer undulates with slow grace. She is not feline, neither is she deerlike; and she no longer caresses, for her voice is as uncompromising as her style of dress. The ordinary man [...] has always despised the arts of pleasing, until some charming woman has taken him in hand; but the modern woman has ceased to instruct him, and has become his imitator, so that her manners are almost as intimidating as those of the successful business man”.

pública. Desse modo, a ridicularização do aspecto físico reduzia a feminista a uma aberração de gênero, situada na liminaridade entre a mulher, da qual se distanciava, e o homem, do qual aspirava se aproximar, e, como ambos os objetivos seriam inexequíveis, essa figura intersticial nem se distinguia completamente da primeira nem se igualava ao segundo de todo. Essa caracterização sugeria que a Nova Mulher, não mais identificável à natureza, tornara-se um construto artificial e, não mais ocupando socialmente um epicentro distinto do homem, deixara de exercer a função primordial de instruí-lo a um cavalheirismo que coroa-se sua hombridade. Se seu grande mérito consistia em representar um enigma para o homem e, assim, instigar suas faculdades imaginativas, servindo-lhe de inspiração nas Letras e Artes, a mulher não teria existência própria senão em virtude do aprimoramento masculino. Portanto, a abdicação dessa prerrogativa aparentemente sobre-humana era interpretada como prova de insensatez, daí o argumento de que a mulher moderna, governada pelo egoísmo, desceu ao nível masculino (YEATS, 1918). Nessa falsa hierarquia na qual o que está acima tem menos poder do que o que está abaixo, a mulher, ao descer à condição anódina do homem, desestabilizava exatamente a posição masculina de poder.

Sob o recorrente argumento de que a mulher contemporânea se masculinizava repousava o temor de que a atenuação de polaridades de gênero desestabilizasse a própria masculinidade, dependente de uma exterioridade constitutiva para adquirir significado em uma equação na qual quanto mais femininas fossem as mulheres, mais másculos os homens. O feminismo, precisamente por questionar tais polaridades, constituía um temível ansiogênico para homens interpelados a ratificar uma condição máscula que não prescindia da diferenciação da feminilidade *via negativa*, de modo que um dos perigos da Nova Mulher consistia em evidenciar a instabilidade dos códigos de gênero.

Tal como na Inglaterra, onde várias mulheres letradas – incluindo-se as escritoras Charlotte Brontë, Elizabeth Browning, George Eliot e Christina Rossetti – se opunham veementemente à campanha pelo sufrágio feminino por duvidar da aptidão de seu gênero ao exercício da política ou por considerar que havia pautas mais prementes na agenda das mulheres, na Irlanda as intelectuais mais reacionárias atuavam como cúmplices do regime falocrático, na medida em que pressionavam os homens à masculinidade hegemônica e condenavam aquelas que aspiravam a outra emancipação que a independência do país. Ao tempo em que as *suffragettes* inglesas podiam se ocupar com a luta por acesso à instrução universitária, ao instituto do divórcio e às

profissões liberais, as irlandesas, devido à especificidade da experiência colonial, deveriam coadunar o sonho de emancipação feminina com aquele, não menos premente, de emancipação política da nação e, nesse duplo imperativo, a mulher, instigada desde tenra idade ao altruísmo, acabava antepondo o segundo, que beneficiaria toda a coletividade, ao primeiro, que favoreceria seu grupo restrito.

A crença de que os direitos de cidadania seriam amealhados pelas mulheres tão logo fosse assegurada a autonomização política era alimentada pelo próprio ideário nacionalista. Calcado numa ideologia unificadora, o nacionalismo atraía grupos subalternos, dentre os quais as mulheres, induzindo-as a crer que sua micropolítica seria incorporada à macropolítica nacionalista ou que, estando a opressão de gênero vinculada à colonização, adquiririam os direitos que pleiteavam automaticamente após a implantação do Estado Livre. Graças à internalização desse axioma, várias mulheres letradas não só aceitavam de bom grado os encargos delegados ao gênero feminino como se mostravam eficientes deladoras em relação a outras mulheres. Uma vez que toda representação consiste numa construção a partir de uma determinada posição epistemológica no interior das relações de poder, os ideólogos antissufragistas não caracterizavam suas conterrâneas mediante representações distorcidas que, se empreendidas por uma delas, seriam mais autênticas; afinal, se a representação é antes uma construção de sentidos do que uma reprodução especular, as mulheres bem poderiam assumir postura análoga à dos homens mais misóginos se inseridas em seu regime de significação. De fato, o discurso que enaltecia seu contributo na arquitetura da nação a partir da base a fim de obter sua adesão à causa nacional e restringi-la induzia o reacionarismo daquelas intelectuais que, mesmo posicionadas em favor do gênero feminino, endossavam a convencional cisão generizada entre esferas sociais. Dentre outras, Mary Butler relacionava a contribuição das mulheres no reavivamento da língua gaélica ao afastamento dos debates públicos e ao retiro doméstico:

Agora as mulheres da nossa raça são dignas e decorosas; elas se recusam a se misturar numa contenda e, ao se retirar para o pátio interior, deixam a cena de conflito no mundo exterior para o sexo mais severo. Podem, portanto, pensar que nessa guerra linguística não têm lugar, mas estão enganados, pois trata-se de guerra de um tipo especial, uma guerra que pode ser empreendida não por gritos de viragos ou Amazonas agressivas, mas por mulheres delicadas e de voz baixa, que ensinam às crianças suas primeiras orações e, sentadas ao lado da lareira, fazem com que aqueles ao seu redor percebam a diferença entre uma casa e uma moradia. [...] Que se entenda então que, quando as irlandesas são convidadas a participar no movimento

da linguagem, não são obrigadas a mergulhar no vórtice da vida pública. Não, o trabalho que elas podem fazer é trabalho para ser feito em casa¹⁶ (BUTLER, 1901, p. 3).

No limiar do século XX, o desafio crucial das irlandesas consistia em se livrar não tanto do opressor, instância coercitiva associada ao homem, mas do opressor internalizado nelas próprias, pois mesmo as mulheres investidas de autoridade discursiva na ordem simbólica se posicionavam, não raro, sob os limites epistêmicos de uma formação discursiva falocêntrica. Daí a poeta Katharine Tynan, na conclamação *A Trumpet Call to Irish Women*, escrita em comemoração ao Estado Livre recém-implantado, definir nos seguintes termos o papel da mulher na nação que se constituía: “O anseio de nossa nação não é pela amazona [...]. É pela mulher conservadora, zeladora de todas as santidades, de todas as seguridades, de todas as salvaguardas da Casa da Vida”¹⁷ (TYNAN, 1924, p. 174). Se bem que a amazona fosse, potencialmente, um símbolo de resistência contra um discurso colonial que concebia a Irlanda como uma mulher dependente da tutela masculina, esse símbolo mitigava ainda mais a hombridade dos irlandeses, valor priorizado pela agenda nacionalista. Seguras de que a amazona conspurcava o gênero feminino – quando, a rigor, fazia-o com o masculino –, ambas as escritoras a refutavam ao considerarem que predicados como a combatividade e a avidez por conquista eram não só toleráveis como desejáveis no homem, mas, na mulher, seriam faltas graves porque a natureza as havia moldado para o reino do afeto a fim de contrabalançar a racionalidade masculina.

Ainda mais radical, a escritora Nora Tynan O’Mahony declarava abominação pelas *suffragettes* em manifesto, publicado no jornal católico *Irish Monthly*, contra a invasão do modismo Nova Mulher na Irlanda. Certa de que a honra vinculada à domesticidade estava em vias de extinção “[...] nestes dias degenerados de sufragettismo (sic) militante e similar idiotice, se não perversidade [...]”¹⁸, a autora admoestava as

¹⁶ Original: “Now the women of our race are dignified and decorous; they shrink from mingling in a melee, and retiring into the inner courtyard, they leave the scene of strife in the outer world to the sterner sex. They may, therefore, think that in this language war they have no place, but they are mistaken, for it is warfare of a special kind, warfare which can best be waged not by shrieking viragoes or aggressive amazons, but by gentle, low-voiced women who teach little children their first prayers, and, seated at the hearth-side, make these around them realize the difference between a home and a dwelling. [...] Let it then be thoroughly understood that when Irishwomen are invited to take part in the language movement they are not required to plunge into the vortex of public life. No, the work which they can best do is work to be done at home”.

¹⁷ Original: “The need of our nation... is not for the Amazon. It is for the conservative woman, careful for all the sanctities, all the securities, all the safeguards of the House of Life”.

¹⁸ Original: “[...] in these degenerate days of militant suffragettism and similar foolishness if not actually wickedness [...]”.

mulheres pela “[...] distorção gradual de sua natureza [...]”¹⁹”, insuflada “[...] pelos guinchos histéricos da irmandade suffragette [...]”²⁰” (O’MAHONY, 1913, p. 529). Também apontava o sufragismo como contrassenso, pois a mulher, ao almejar aquiescência social no mundo externo, perdia seu *status* de rainha do lar, levando ao “[...] destronamento da mãe e seu nenê, a Nossa Senhora e a Criança, que deveriam ser os primeiros e mais sagrados objetos de toda casa [...]”²¹ (O’MAHONY, 1913, p. 530). Para intelectuais como O’Mahony, uma vez que as irlandesas já possuíam seu espaço de atuação e o prestígio conquistado pela excelência com que o gerenciavam, aquelas imprevidentes que abrissem mão desse espaço perigavam não obter o mesmo êxito na arena pública e ainda perder a hegemonia na esfera privada. Era mais seguro, portanto, considerar que a Nova Mulher, impelida por influências extrínsecas à cultura nativa a disputar com os homens um espaço que não o seu, fazia-o sob pena de perder a reputação como esposa e mãe. Sob essa crença, rejeitavam qualquer desvio dos padrões comportamentais femininos, partindo da premissa de que a mulher representava o elemento conservador da cultura nacional. Se bem que O’Mahony considerasse a praticidade e o conforto do vestuário adotado pela mulher moderna, seu superego patriarcal se impunha ao lembrá-la de sua inadequação à natureza feminina:

[a] lamentável falta de feminilidade, de feminilidade doce, graciosa e digna, não só nas maneiras modernas da mulher, mas em seu vestuário, tudo tende a trazê-la a um nível mais baixo aos olhos masculinos do que jamais se afundaram antes. O corte masculinizado das roupas escassas da mulher moderna, as saias curtas, a exibição liberal do tornozelo, a garganta e o pescoço frequentemente descobertos [...], o despachado arranjo de seu chapéu cravado para baixo a um lado e cobrindo completamente seus cabelo e seus olhos pode ser conveniente e confortável, mas certamente não é feminino [...]”²² O’MAHONY, 1913, p. 530).

A indistinção entre o discurso de Markievicz, Butler, Tynan e O’Mahony e aquele dos guardiões do falocracismo indica que posições políticas hegemônicas eram

¹⁹ Original: “[...] gradual distortion of her nature [...]”.

²⁰ Original: “[...] by the hysterical shriekings of the suffragette sisterhood [...]”.

²¹ Original: “dethronement of the mother and her babe, the Madonna and the Child that should be the first and most sacred objects of every household [...]”.

²² Original: “[...] the regrettable lack of femininity, of sweet, gracious, dignified womanliness, not only in modern woman’s manners but in her dress, all tend to bring her down to a lower level in masculine eyes than she ever sank to before. The mannish cut of the modern woman’s scanty garments, the short skirts, the liberal display of the neck [...], the jaunty set of her hat jammed down to one side, and completely covering her hair and her eyes – it may be convenient and comfortable, but it certainly is not womanly [...]”.

articuladas de modo que as irlandesas as identificassem como suas, já que o padrão de mulheridade atingiria pleno êxito quando introjetado pelas mulheres, que se tornariam, elas próprias, sensoras de si e de outrem. Inseridas numa episteme cujo horizonte ideológico não lhes facultava vislumbrar outras possibilidades de agência que as estabelecidas pela ideologia hegemônica, essas intelectuais interpretavam as incursões da mulher pela esfera pública como deterioração de valores que a haviam consagrado socialmente. Todavia, afirmar que reproduziam o discurso androcêntrico simplesmente porque alienadas sob seu efeito ideológico seria desconsiderar por completo sua capacidade negociativa. O fato de algumas mulheres serem mais suscetíveis à ideologia dominante do que outras tinha, a meu ver, um caráter pragmático, pois essas intelectuais afinadas com a falocracia obtinham algum dividendo, haja vista sua prerrogativa de participação no debate público, ao tempo em que diversas das mulheres em nome das quais estas advogavam eram despojadas de qualquer isonomia.

A republicana como alteridade

Segundo a ideologia dominante, se as mulheres cooptadas pela campanha sufragista desobedeciam seu papel de gênero ao negligenciar a causa nacional, aquelas que se excedessem em sua participação no nacionalismo para além das tarefas delimitadas pela agenda nacionalista o fariam pela inobediência às limitações de sua natureza. De fato, em um nacionalismo que se queria viril, as mulheres que ousassem defender a nação com a arma em vez do rosário seriam antes adversárias que aliadas da causa nacional. Por isso o mesmo Presidente William Cosgrave, que repreendeu um grupo de manifestantes republicanas afirmando-lhes que, em vez de manusear armas, deveriam ter rosários em suas mãos, lamentou a participação de mulheres no nacionalismo militar em análise retrospectiva do primeiro ano de Estado Livre:

Na Inglaterra, felizmente para ela, os “Duros-de-matar” são homens [...]; mas infelizmente na Irlanda os “Duros-de-matar” são mulheres, cujos êxtases no seu extremo não podem encontrar saída tão satisfatória como a destruição – pura destruição²³ (COSGRAVE, 1923, p. 11).

²³ Original: “In England, fortunately for her, the ‘Die-hards’ are men [...]; but unhappily in Ireland the ‘Die-hards’ are women, whose ecstasies at their extremest can find no outlet so satisfying as destruction – sheer destruction”.

Sob impacto da psiquiatria vitoriana, notadamente a histerização de mulheres insurgentes contra padrões de feminilidade, uma forma de deslegitimar o ativismo das republicanas consistia em identificá-lo como agente patogênico e caracterizá-las sob o signo da insanidade, de forma a despolitizar sua atuação como resultante de impulsos irracionais. Partindo-se da premissa de que a mulher, devido à instabilidade de sua constituição cognitiva, seria governada pelo excesso tanto para o bem quanto para o mal, justificava-se que apenas a disfunção mental explicaria sua adesão a empreendimentos contrários à natureza de seu gênero e que seu envolvimento militar só poderia redundar em destruição. Prova disso é um relato oficial do Estado Livre, publicado no *The Irish Independent* de 1º de janeiro de 1923 sob a manchete “Neurotic Girls”, referindo-se às republicanas engajadas no militarismo nos seguintes termos: “moças neuróticas estão entre os mais ativos aderentes da causa irregular [republicana] [...]. Elas desfiguram os muros de Dublin com propagandas mentirosas e são ativas transportadoras de documentos, armas e munições”²⁴ (IRISH INDEPENDENT, 1923, s.p.).

Alguns opositores remontavam à mitologia greco-romana para encontrar uma figura que encapsulasse toda a monstrosidade contida na mulher que empunhasse o rifle em vez do rosário. Em homilia publicada no *Cork Examiner*, o Bispo Doorley instruíra meninas a jamais aderirem ao engajamento militar sob pena de se transformarem em fúrias:

Se eu tivesse uma namoradina que fizesse política eu desistiria de rezar por ela. As mulheres que andam por aí tomando despachos e armas de um lugar para outro são fúrias. Quem as respeitaria ou quem se casaria com elas? Nunca ingressem em um Cumann na mBan ou um Cumann na Saoirse ou qualquer outra coisa. Façam seu trabalho como suas avós fizeram antes de vocês²⁵ (DOORLEY, 1925, p. 11).

Sob um sistema de valores em que na respeitabilidade e no casamento residiam os bens supremos de uma mulher, aderir às forças armadas implicava despojar-se exatamente do respeito social e da desejabilidade como esposa, convertendo-se em fúrias, metamorfose que implicava abdicar-se não apenas da feminilidade como da

²⁴ Original: “[...] neurotic girls are among the most active adherents to the Irregular cause. They disfigure Dublins walls by lying propaganda and are active carriers of document arms and ammunition”.

²⁵ Original: “If I had a little girl friend who took up politics I would give up praying for her. Women who go around taking despatches and arms from one place to another are furies. Who would respect them or who would marry them? Never join a Cumann na mBan or a Cumann na Saoirse or anything else. Do your work as your grandmothers did before you”.

própria humanidade. O fato de nem mesmo orações serem capazes de amansar as ativistas reforçava sua percepção como bestas irracionais cuja emulação as jovens deveriam evitar em prol de um modelo de identificação fincado na figura arquetípica da avó. Se em nível manifesto as fúrias, entidades demoníacas dotadas de cabeleira em forma de serpentes, configuravam um meio de aterrorizar as irlandesas, dissuadindo-as do militarismo, em nível latente constituíam um sintoma do terror suscitado pelas mulheres públicas, identificadas como figuras castradoras que, à semelhança da Medusa, aterrorizavam homens sob cuja pose varonil se disfarçava um concentrado teor de angústia.

Dentre as mulheres atuantes no nacionalismo militar, uma das mais proeminentes foi Constance Markievicz (1868-1927), cujo engajamento bélico incitava a indignação de seus contemporâneos por desviá-la de seu destino “natural” como ornamento e inspiração masculina. Diversos comentadores subestimavam sua consciência política, interpretando como resultado de empolgação irrefletida sua adesão a agendas em princípio incompatíveis (como o socialismo, o feminismo e o nacionalismo), como fez o escritor Sean O’Faolain, ao afirmar que a condessa “[...] não tinha ideias inteligíveis, mas muitos instintos”²⁶ (O’FAOLAIN, 1934, p. 74). Todavia, o caráter mais perturbador de sua infração dos códigos de gênero consistia na ameaça à correlação entre armamento e virilidade em que se ancorava o programa de revirilização racial. No apogeu de um nacionalismo que incompatibilizava feminilidade e militância e no qual a mulher deveria trazer em punho o rosário, não o rifle, Constance era identificada como uma aberração, haja vista a forma caricatural com que sua rendição foi descrita por jornais como o *Irish Times*:

A Condessa estava encarregada dos rebeldes no Colégio de Cirurgiões. Percebendo a desesperança da luta, ela se ofereceu para render-se [...]. A condessa, que tinha 120 homens, saiu do prédio à frente deles. Ela estava vestida inteiramente de verde, incluindo sapatos verdes. Ela caminhou até o oficial e, saudando, tirou o revólver, que beijou afetuosamente e depois entregou²⁷ (IRISH TIMES, 1916, s.p).

²⁶ Original: “[...] no intelligible ideas but many instincts”.

²⁷ Original: “The Countess was in charge of the rebels at the College of Surgeons. Realizing the hopelessness of the struggle, she offered to surrender [...]. The countess who had 120 men, walked out of the building at their head. She was dressed entirely in green, including green shoes. She walked up to the officer and saluting took out her revolver which she kissed affectionately and then handed it up”.

Ao representar a entrega do revólver como um erotizado gesto de despedida, a imprensa procurava deslegitimar a inserção da mulher no militarismo como motivada pela avidez por *juissance* e espetáculo, ridicularizar o fetichismo feminino e desacreditar o próprio Levante – que, como se sabe, não teve aceitação imediata – pelo fato de uma mulher ridiculamente vestida reger uma corporação de 120 homens. No entanto, gestos de escárnio como esse mal disfarçavam a insegurança quanto à possibilidade do revólver ser portado por uma mulher; afinal, Constance provocava desconforto não apenas por assumir um papel “masculino”, mas porque, ao fazê-lo, punha em questão a fantasia de revirilização por comprometer a vinculação entre armamento e masculinidade.

Considerações finais

No projeto nacional irlandês, os nacionalistas estavam seguros de que o êxito da remasculinização do país dependia de uma cooperação entre os sexos na qual ambos se complementassem de sorte que as potencialidades de um compensassem as deficiências do outro. Nesse sentido, a mulher que refugasse esse contrato social invertia a lógica que organizava as relações de gênero, comprometendo a um só tempo os códigos de masculinidade e feminilidade pela ameaça de descentramento que impunha à falocracia. Donde a aversão dos intelectuais nacionalistas pelas figuras da feminista e da republicana, cujas respectivas formas de agência ameaçavam a política de revirilização, já que a masculinidade se definia em relação oposicional e complementar com a feminilidade e qualquer alteração nos padrões desta última desestabilizava os referenciais da primeira.

Levando em conta a subalternidade das mulheres no projeto nacional irlandês, Gibbons me parece impreciso ao comparar que na Irlanda colonial “[...] a população nativa inteira, tanto a masculina quanto a feminina, partilhava da condição das mulheres no centro metropolitano”²⁸ (GIBBONS, 1996, p. 20). Ora, as especificidades da condição colonial tornavam as irlandesas relativamente mais subordinadas do que as inglesas e implicavam desafios adicionais ao feminismo em um país cuja elevação do nacionalismo anticolonial sobre outras formas de coalizão invalidava reivindicações feministas com tanto ou mais intensidade do que na metrópole.

²⁸ Original: “[...] the entire native population, both male and female, shared the condition of women in the metropolitan centre”.

O androcentrismo da agenda nacionalista, franqueado pelo axioma de que a nação fora mutilada em sua hombridade, impôs obstáculos à participação das mulheres em um projeto de nação obsessivo pela refalicização dos homens, de modo que as irlandesas eram subjugadas numa hierarquia de gênero doméstica que as excluía dos direitos à morte sacrificial e à vida plena, encurralando-as sob diferentes tecnologias de controle, a fim de que não ameaçassem um projeto de remasculinização que se esforçava para proteger as fronteiras da nação enquanto estabelecia fronteiras internas.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, M. *Irishwomen and the Home Language*. Dublin: Gaelic League, 1901.
- CASSIDY, J. *The Women of the Gael*. Boston: Stratford Company Publishers, 1922.
- COSGRAVE, W. Mr. Cosgrave's Review. *Irish Times*, 1 Jan. 1923, p. 11.
- DOORLEY. Women Who are Furies. *Cork Examiner*, 18 mai. 1925, p. 11.
- GIBBONS, L. *Transformations in Irish Culture*. Notre Dame: University of Notre dame Press, 1996.
- GONNE, M. *A Servant of the Queen*. London: Victor Gollancz, 1938.
- IRELAND. *Constitution of Ireland*. Dublin: Government Publications Office, 1937.
- IRISH CYCLIST AND ATHLETE. *Editorial*, 10 de julho de 1889.
- IRISH INDEPENDENT. *Neurotic Girls*, 1 jan. 1923.
- IRISH TIMES. *Surrender of Countess Markievicz*. 2 mai. 1916.
- LAEGH. Matters of the Moment. *The Catholic Bulletin and Book Review*, v. II, p. 791, 1912.
- LOCKINGTON, W. *The Soul of Ireland*. New York: The Macmillan Company, 1920.
- O'FAOLAIN, S. *Constance Markievicz, or The Average Revolutionary*. London: Jonathan Cape, 1934.
- O'MAHONY, N. The Mother. *The Irish Monthly*, 91, 1913, p. 529-532.
- RUSSELL, G. *Co-operation and nationality*. Dublin: Maunsel and Company, 1912.
- RUSSELL, G. Home Life in Ireland – A Challenge to Irishwomen. *Irish Homestead*, 1 de junho de 1907, p. 428.

SOUSA, R. *Da Feminização à Remasculinização: Gênero e Raça na Dialética Angloirlandesa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). 361ff. Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.

SPARLING, C. *The Irish-Canuck-Yankee*. Chicago: M. A. Donohue, 1913.

TYNAN, K. A Trumpet Call to Irish Women. In: FITZGERALD, W. G. (Ed.). *The Voice of Ireland: a survey of the race and nation from all angles*. Dublin: Virtue and Co., 1924, 170-175.

YEATS, J. *Essays in Irish and American*. Dublin: The Talbot Press Ltd.; London: T. Fisher Unwin Ltd., 1918.

YEATS, W. *Dramatis personae*. London: The Macmillan Company, 1936.

Data de submissão: 20/07/2016

Data de aprovação: 20/02/2017